



TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Israel arquiteta contraofensiva ao Irã

Reunião do Gabinete de Guerra avalia resposta ao lançamento de mais de 300 mísseis e drones iranianos na noite de sábado, alvo de condenação da comunidade internacional. Estados Unidos avisam aliado que não participarão de uma possível represália

Enquanto líderes mundiais pedem o fim dos conflitos no Oriente Médio, Israel instou o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, a impor “todas as sanções possíveis ao Irã”, em represália ao ataque da noite de sábado. Num bunker em Tel Aviv, o Gabinete de Guerra encerrou uma reunião de emergência sem definir uma retaliação. Mais cedo, porém, um dos membros do grupo, o militar Benny Gantz, informou, em comunicado, que haverá uma resposta, “na forma e no momento certo”.

O Irã garantiu à ONU que deu o conflito por encerrado e argumentou direito à autodefesa. Segundo o embaixador Amir Saeid Irvani, o Conselho de Segurança “falhou em seu dever de manter a paz e a segurança internacionais” ao não condenar o ataque de 1º de abril ao consulado iraniano em Damasco, na Síria. A ofensiva, que deixou cinco mortos, é atribuída a Israel. Irvani garantiu que “Teerã não deseja uma escalada” no clima bélico, mas “responderá a qualquer ameaça ou agressão”. A reunião do conselho foi encerrada sem um consenso entre os países.

Aliado de Israel, os Estados Unidos afirmaram que não participarão de um possível contra-ataque. Um alto funcionário do governo do presidente Joe Biden disse a jornalistas que o país não se “imagina participando de tal ato”. Além disso, a fonte insistiu que o Estado judeu não busca mais uma guerra na região. “Os israelenses deixaram claro para nós que não estão buscando uma escalada significativa com o Irã”, afirmou, acrescentando que o chefe da Casa Branca “deixou muito claro para o primeiro-ministro (Netanyahu) que precisamos pensar cuidadosa e estrategicamente sobre os riscos de uma escalada”.



Helicópteros de transporte militar de carga pesada da Força Aérea israelense sobrevoam o Deserto de Negev, atingido no ataque iraniano

“Abismo”

António Guterres, o secretário-geral da ONU, clamou pelo fim dos conflitos na região. “O Oriente Médio está à beira do abismo. Os povos enfrentam um perigo real de conflito generalizado e devastador”, disse. “Este é um momento para a desescalada e a distensão. É hora de mostrar a máxima moderação”, afirmou Guterres, assinalando que “nem a região nem o mundo podem se permitir mais guerras”.

O diplomata português reiterou também sua condenação ao ataque lançado pelo Irã. Segundo o Exército israelense, Teerã enviou “um enxame de 300 drones assassinos, mísseis balísticos e mísseis de cruzeiro” — um ataque que os israelenses afirmam ter frustrado, com a interceptação de 99% dos disparos. Ninguém morreu, mas 12 pessoas ficaram feridas, entre elas



O desespero de Mohamad, pai de Amina, 7 anos, gravemente ferida

uma menina de 7 anos, a única vítima grave da ofensiva.

A criança árabe, moradora de Arad, a 75km de Jerusalém e

identificada como Amina, dormia quando foi atingida na cabeça por estilhaços de mísseis interceptados. Segundo os jornais

israelenses, ela foi encaminhada ao Hospital Soroka, em Beersheba, passou por uma cirurgia e está em observação da Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Orgulho

Ontem, na capital iraniana, alguns cidadãos expressavam orgulho e alegria pelo primeiro ataque lançado pelo Irã contra Israel. O chefe das forças armadas iranianas, Mohammad Baghari, comemorou a operação que, segundo ele, alcançou “todos os seus objetivos”. Porém, alguns iranianos temem a escalada bélica incessante entre os dois países que polarizam as tensões na região.

“Ainda não reconstruímos completamente as ruínas da guerra Irã-Iraque (1980-1988) no sudoeste do país”, disse à agência France Presse um iraniano de 46 anos. “A guerra não é uma piada.”

Gaza sem trégua

A crise com o Irã não arrefeceu a ofensiva do governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu na Faixa de Gaza. Ontem, por meio de um comunicado, o Exército israelense indicou que convocou “duas brigadas de reservistas para atividades operacionais na frente de Gaza”, sem especificar se esses efetivos serão enviados para dentro ou fora do território palestino.

Na semana passada, Israel retirou suas tropas do sul de Gaza, deixando apenas uma brigada no enclave. Mas, logo em seguida, Netanyahu anunciou que havia fixado uma data para invadir Rafah, no sul, onde estão 1,5 milhão de palestinos, a maioria deles deslocados pelos combates em outras áreas do território.

Ontem, o governo destacou que o Hamas mantém na cidade parte das pessoas sequestradas pelo Hamas na invasão ao território israelense, em 7 de outubro do ano passado. “Também temos reféns em Rafah e faremos o que estiver a nosso alcance para trazê-los de volta”, declarou o porta-voz do Exército, Daniel Hagari.

Também ontem, o presidente de Israel, Isaac Herzog, informou que o país aumentou a ajuda humanitária à população do enclave. Ele lamentou, porém, que o Hamas rejeite de forma sistemática as propostas de acordo para libertar os capturados.

“Temos de lembrar que há ainda 135 reféns israelenses em Gaza. Suas vidas estão sob ameaça”, destacou o presidente, em entrevista à emissora norte-americana CNN. “O Hamas se recusou pela quinta vez a assinar uma proposta. É o Hamas quem se recusa a libertar reféns.”

» Entrevista | DANIEL ZONSHINE, EMBAIXADOR DE ISRAEL NO BRASIL

Decepção com reação do Itamaraty

» JAQUELINE FONSECA

Em entrevista ao Correio, o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, disse que esperava uma resposta mais enfática do Brasil à ofensiva do Irã ao território israelense. Ele se mostrou decepcionado por não encontrar o termo “condenação” na nota emitida, sábado à noite, pelo Itamaraty. “Acho que a falta dessa palavra é uma coisa muito notável, pelo menos do lado israelense, porque não tem nenhuma condenação direta, veemente. Isso me faltou”, frisou.

Zonshine ressaltou que Israel não pode aceitar o ataque “terrorista” praticado por Teerã, que, destacou, configura uma “violação muito clara e grave de todas as leis internacionais”. O embaixador declarou que espera que o Conselho de Segurança da ONU aprove sanções contra a República Islâmica.

Como Israel recebeu o ataque do Irã? Foi uma surpresa?

Não foi totalmente surpresa porque o Irã já declarou há uma semana, mais ou menos, que iria atacar Israel. Que iria reagir, do ponto de vista deles, sobre o que

eles pensaram que o ataque israelense ao edifício perto do consulado iraniano em Damasco, então estávamos preparados para uma coisa. Não sabíamos o que ia acontecer exatamente, mas, quando todos os drones e mísseis balísticos e não balísticos que foram lançados contra Israel, o sistema de defesa foi preparado. E conseguimos evitar vítimas do lado israelense. Mais de 200 mísseis balísticos foram lançados contra Israel, mas quase todos foram interceptados pelas nossas forças. Então, se não tivéssemos essa defesa aérea, provavelmente teríamos muitas vítimas aqui em Israel. O fato é que conseguimos evitar, porque fomos preparados e não foi uma surpresa total.

Qual a expectativa com relação à reunião do Conselho de Segurança da ONU?

É um ataque de um país contra outro país. Um ataque a um país, no território dele. Digamos, o Irã atacou Israel no território israelense. Isso não é uma discussão, é o que é. É uma violação muito clara e grave de todas as leis internacionais e ordem internacional. Então é um assunto

Vinicius Loures/Câmara dos Deputados



Daniel Zonshine, embaixador de Israel no Brasil

que o Conselho de Segurança deve discutir e condenar.

Então, a expectativa é de uma condenação?

Sim, condenação e, além disso sanções, e definições das guardas revolucionárias do Irã, que foram responsáveis pelo o que

aconteceu, como terrorista. Porque foi isso que aconteceu, um ato de terror de um país contra outro.

O Brasil emitiu nota e pediu contenção da escalada do conflito no Oriente Médio. Como o senhor avalia essa manifestação?



Eu procurei a palavra condenar, ou condenação, alguma coisa que dissesse que esse ataque terrorista é uma coisa negativa ou inaceitável. Mas não achei. Acho que a falta dessa palavra (condenação) é uma coisa muito notável, pelo menos do lado israelense porque não tem nenhuma condenação direta, veemente. Isso me faltou.

Eu procurei a palavra condenar, ou condenação, alguma coisa que dissesse que esse ataque terrorista é uma coisa negativa ou inaceitável. Mas não achei. Acho que a falta dessa palavra (condenação) é uma coisa muito notável, pelo menos do lado israelense porque não tem nenhuma condenação direta, veemente. Isso me faltou.

O Irã disse que se dá por satisfeito com o ataque e advertiu que Israel não revide,

sob pena de uma resposta mais forte. Israel deve revidear?

Acho que nós não podemos dizer satisfeitos, como os iranianos. Sabe, o Oriente Médio é um lugar onde não se pode demonstrar fraqueza. Fato é que eles estão satisfeitos, nas palavras deles. E isso não é uma coisa que um país soberano pode aceitar. Israel, nesse caso, não pode aceitar esse tipo de ataque terrorista de outro país. O fato é que o outro país está satisfeito e nós temos que ficar satisfeitos também? Satisfeitos não vai ser a única coisa que vai descrever a situação deles.

Israel avalia que pode haver uma escalada do conflito e novos ataques ao país?

Desde o dia 7 de outubro de 2023 há um ataque do Irã contra Israel, foi um ataque por aliados deles. Hamas, Jihad islâmica, Hezbollah, houthis do Iêmen... Isso não é uma coisa que começou de repente. E é algo que, como disse, o país não pode aceitar. O Irã, além de apoiar o terrorismo através dos aliados, agora também o faz diretamente contra Israel.